

RELATO GÊNERO, ARTE E TRABALHO

Victoria Reis Venâncio, UNESPAR

No ano de 2023, o DANCEP- Grupo de Dança Contemporânea do Colégio Estadual do Paraná, realizou seu 5º Seminário e Mostra de dança com a temática “Vozes de mulheres na e da arte”.

O evento contou com palestras e mesas de discussões, workshops de diversas modalidades, ministrados exclusivamente por profissionais mulheres e a mostra de dança, com apresentações dos estudantes do colégio e comunidade externa.

Desse modo, a partir dos temas de algumas das mesas de debate, do seminário e da sociedade em que vivemos, se visa necessário uma análise e questionamento de pontos comentados. O primeiro de todos é, qual o lugar que muitas vezes a mulher é colocada quando se fala de mercado de trabalho em dança? Pois, olhando para o panorama da dança em geral, com o recorte da cidade de Curitiba, muito dos grandes eventos, workshops, grupos e escolas de dança, são regidos por homens.

E não é por falta de profissionais capacitadas e dispostas a assumir tais funções, lhes restando, muitas vezes, apenas ministrar aulas em academias. Essa questão fica ainda mais agravante quando falamos de projetos, editais, eventos e produções. Vivemos em uma sociedade assombrada pelo machismo estrutural e conseqüentemente, essa opressão é refletida nas relações de trabalho.

Porém, é nítida a crescente de mulheres que são super competentes e corajosas, que se posicionam e criam espaço não só para elas, mas para todas as outras que virão. Um exemplo disso é a artista Pam de Brito, que é do interior do Paraná e fundadora de um evento de danças urbanas em Maringá, “O Movimento”, projeto aprovado por edital, é referência de profissional mulher na produção em dança, além de atuar em um recorte específico que é uma cidade do interior, que muitas vezes não tem tanto acesso à cultura quanto às capitais.

O gênero enquanto construção social é uma pauta muito demarcada, já que, antes de ser um ser humano, você já é uma mulher. Então, são pessoas que têm que ficar provando suas profissões e capacidades todo o tempo. Percebemos isso em várias das mesas, a partir das falas das profissionais que sofrem com essas questões, mas, que mesmo assim, seguem firmes e fortes com seus trabalhos únicos, cheios de força, vivência e muita arte.

Outras artistas que debateram sobre um tema necessário e que às vezes é visto como um tabu, foram a Caroline Ribas, Isys Caldas e Elke Siedler, que nos trouxeram a discussão do corpo em si, na estética da dança e sociedade, compartilhando suas vivências e relatos, nos mostrando o quanto esse mundo pode ser cruel e opressor sob o corpo dos outros, mas também, serviram de inspiração para muitas meninas que lá estavam. No país, temos a presença de mulheres cheias de originalidade, potencial e ideias transformadoras. Cabe a todos nós incentivá-las, dar espaço e voz para profissionais que são tão competentes quanto qualquer outra pessoa e que além de produzir arte, lutam todos os dias contra um sistema opressor e machista.

Palavras-chave: Gênero. Mulher. Dança. Profissão